

Con. Ora

# Maracujá azedo como limão

VILLAS-BÔAS CORRÉA \*

A primeira vista, parece dengue que insinua aceno de paz depois de arrufo. Tão maltratada pelas sinuosidades do real, a classe média recebeu como um afago que não chegou a dasmarar sua repulsa, mas afinal, sempre um gesto de simpatia, os Índices de Preços ao Consumidor (IPC-RJ), ontem divulgados pela Fundação Getúlio Vargas, anunciando aos quatro ventos a inflação na invicta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, batendo em 0,62% em setembro, contra 0,84% de agosto.

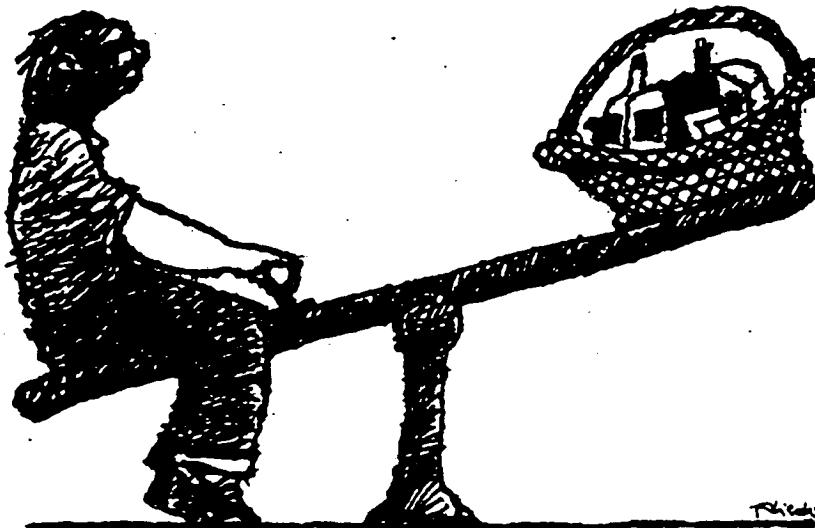
Não é nada, não é nada, é a menor alta do custo de vida no Rio desde a implantação do Plano Real.

Ora, o índice recordista, com fumaças de primeiro mundo, não pode deixar de aliviar a barra de todo mundo, sem discriminar faias de renda. Afinal, começa a chegar, de leve, a vez da coitadinha da classe média, a grande vítima do arrocho que a escalou para pagar a conta.

Mas, a bulha da badalação não sopra areia nos olhos ardidos de quem se esbosa, todo meio de mês, para enfrentar a segunda quinzena, de língua de fora, limites estourados do cartão de crédito e a pilha de contas a pagar. Afinal, a diferença a menos de 0,22% do mês anterior não deu para ser percebida em bolsos vazios e contas no vermelho.

Ainda não é o pior. Na explcação dos especialistas para a mágica do segundo índice de custo de vida com majorações suaves como a brisa, nas desprezadas casas dos decimais, a classe média confere o logro e confirma que continua penando, como alma no purgatório.

O tombo, na verdade a escorregadela em piso ensaboadão, deve-se em boa parte à redução nos preços dos alimentos e do vestuário. Ora, roupa não se compra



todos os dias. Menos ainda quem anda remendando o esgarçado dos fundilhos e serzindo o calcinhar das meias rotas.

Comida já é outra conversa. A alegria do pobres na adesão maciça ao real justifica-se pela estabilidade da cesta básica.

Renda familiar acima de cinco salários-mínimo dá-se, ou dava-se, a certos requintes modestos: a cerveja do fim de semana, o ajan-tarado domingueiro mais caprichado. E a gangorra dos alimentos registra o sobe e desce de preços pelos desatinos do inexplicável. Pois não é que o maracujá de refrescos adoçicados e de efeitos relaxantes deu um salto biruta de 66,54%. Bem, vá lá. Maracujá tem seus degustadores habituais, mas não vicia. Quem tiver juízo e um mínimo de atenção não comprará um misero maracujá murcho de gaveta até que a ganância absorva a lição do protesto militar e baixe os preços.

Na calda do maracujá, o humílimo limão, que dá em qualquer palmo de terreno onde se plante muda de limoeiro que cresce em meses acima da altura do muro, disparou, em um mês, 57,21%. Um limãozinho faz falta. Mas, dá para economizar.

Na moita, aproveitando a barulheira dos anúncios milionários

que inundam as TVs, os rádios, as revistas e os jornais, a cerveja emplacou um rejuste de 10,23%. Não há para quem apelar. Goela que não dispense o copo da loira borbulhante, de gelada sedução; tem mesmo que raspar o fundo da carteira e conformar-se.

Duro, de rilhar dentes de raiava, é a insistência despudorada do aumento dos preços de serviços. Tapar o buraco do dente está custando mais 10,43%; os serviços de saúde e higiene mais 1,91%. E, fechando a lista, com estridência do desafio, a despedida do debache, o custo da habitação, o aluguel do infeliz que não conseguiu comprar a casa suburbana ou o apartamento de quarto e sala, subiu 5,03%.

A classe média já tem seus motivos para acariciar esperanças. Com o mais cauteloso comedimento.

E suas aperturas, sua silenciosa indignação não devem apenas apoquentá-la. Espalham preocupações que alcançam em cheio ao governo, como uma sacudidela de alarme.

Se o quadro não se altera, com a participação de toda a sociedade no êxito do plano econômico — e não apenas segmentos distinguídos por singulares privilégios — breve se esgotará a paciência e

o fôlego da tradicional formadora da opinião pública. E ela irá à forra, entornando o caldo e virando a mesa. No voto e, antes, influindo decisivamente na campanha.

O presidente Fernando Henrique Cardoso rega todos os dias, com sorrisos, promessas e projetos, o canteiro de suas ambições. E que não se esgotam nos quatro anos do atual mandato. Necessita, do sucesso para cimentar a base, de sustentação parlamentar, nervosa e chilquenta como um pemedebista da novíssima ala an-

dradina.

Para agora, para já. Pavimentando o piso do futuro. De olhos pregados na reeleição, FHC joga todas as fichas num quadro, em 96 e 97, armado com a equação única que viabiliza seu esquema. Numa das pontas, a chama acesa do medo da esquerda. Indispensável que o PT emplume candidato — que deve ser, só pode ser o Lula para a terceira tentativa — que infle nas primeiras pesquisas de tendência de voto, cutucando o velho pavor da cambalhota do poder.

Centristas, conservadores e empreiteiros em pânico armam a alvorçoada caravana em busca do candidato de salvação da lavoura. E do resto. Se Fernando Henrique for a garantia da vitória, pela evidência da popularidade bafejada por percentuais crescentes, a pressão pela aprovação à toque de caixa da emenda da reeleição despejará sobre o Congresso a avalanche que costuma derubar resistências e operar o impossível.

Depende do maracujá, do limão, dos aluguéis, da cerveja. Da reconquista da classe média. Arredia, amuada e desconfiada como criança que descobre os truques do mágico do circo.

JORNAL DO BRASIL

Repórter político do JORNAL DO BRASIL